

O céu que cai sobre a Terra: flechas para adiar o fim do mundo

LUCIANA MIZUTANI¹

Episódio do Podcast “O Bardo” | 11 set. 2021 | 19min 51s

266



A obra se inspira no livro de Davi Kopenawa e Bruce Albert – “A queda do céu: palavras de um xamã yanomami” (2015) e no conto “O céu ameaça a terra, lenda do povo ikolen-gavião recontado por Betty Mindlin” (2007). *O céu que cai sobre a terra* tem revisão especializada de Akaruc Coupan (Thiago Cancelier Dias), e pode ser encontrada no canal “O Bardo PODCAST” no *Spotify* no link:

<https://open.spotify.com/episode/3l0grXtNFmGOqaFuXvY2Ma?si=l4inE2j8OggUzjkl-QjxYg&dl_branch=1>.

(Ao ouvir, aconselho a utilização de fones de ouvido para uma experiência mais imersiva.)

O céu pretejou, quase que parecia que a gente estava num rio barrento em que não dava pra ver muito além da distância de dois braços. A fumaça entrava no peito e parecia querer parar a respiração. Todos e todas estavam parados com os peitos imóveis e sem conseguir parar de olhar para o céu.

Assim começa a narrativa, em formato de áudio drama, que retrata um recorte na vida de uma aldeia que está na fricção entre dois mundos, um que é tradicional desse povo e um outro que é (in)civilizado - o mundo no qual atualmente vivemos. A tensão é agravada por queimadas que deixam o céu negro, problema que precisa ser endereçado ou as retaliações dos

¹ Atriz, diretora, professora e designer de ação. Mestra e doutoranda em Artes Cênicas pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). | lumizu@gmail.com



espíritos da floresta se abaterão sobre os *abá* – indígenas. Na história o ouvinte acompanha uma velha índia – Kamori - e um menino de 8 anos - Muni, que são deixados para trás por aqueles que buscam a resolução do problema incluindo os *mairas* - os brancos.

No meio da narrativa descobrimos que a anciã sonhou com o espírito dono das aves, e que este ordenou que ela encontrasse um nambu redondo – um tipo de pássaro - que os levaria até o espírito. Ela leva o menino Muni consigo na jornada, no entanto, essa empreitada se prova infrutífera, pois a massiva destruição causada pelo fogo, ou matou os animais ou deixou-os sem suas próprias essências. O menino alheio ao chamado do espírito guardião das aves, não compreende a frustração da velha nem o sentido da incursão na floresta queimada. Kamori então lhe conta sobre a lenda de uma criança, que tinha o mesmo nome de Muni, que há muitos anos, impediu a queda do céu sobre a Terra atirando três flechas com penas de nambu em direção ao céu.

A dupla, vencida, decide retornar até a aldeia. Contudo, no caminho de volta, imbuído pela história contada por Kamori, Muni decide trilhar o caminho da tradição, mesmo que não tenham conseguido encontrar o nambu redondo dos sonhos da anciã. Se espelhando na lenda, ele pede licença para um dos nambus que está morto, escolhe e coloca as penas menos queimadas em algumas de suas flechas. Muni e Kamori se dirigem até uma clareira:

Muni – Não vamos saber se não tentarmos...

Kamori – É, não saberemos se não tentarmos...

Os dois retesaram seus arcos com penas do nambu redondo e soltaram as suas primeiras flechas em direção ao céu.

E a obra termina nessa suspensão com o zumbido das flechas.

Durante a história, a cultura tradicional da aldeia que se revelou em constante atrito com o mundo dito “civilizado”, e essas ações finais que ficam suspensas junto com as flechas podem ser lidas como um último ato de desespero frente a algo que está além das capacidades da dupla de resolver. Contudo a escolha desse momento como final da narrativa é reveladora de uma afirmação de um outra maneira de operar no mundo.

Essa forma “outra” está em consonância com as motivações para a realização do projeto pelo grupo de artistas do interior de São Paulo – SP realizada pelo canal *O Bardo PODCAST*. As pautas dos povos originários são sempre urgentes mas de tempos em tempos uma nova ferida é aberta, como



nesse início do 2º semestre de 2021 onde a batalha é contra o marco temporal. Infelizmente esses estopins são constantes, e o que motivou a escrita do texto do áudio drama foi “o dia do fogo” que ocorreu em 10 de agosto em 2019, dia em que produtores rurais combinam de atear fogo em matas locais pra “limpar” o terreno. As queimadas iniciadas nessa data foram tantas que o dia virou noite em diversas partes do Brasil.

O Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – INPE, é um dos órgãos que tenta fazer frente a pauta de destruição das gestões que se focam apenas no extrativismo, e o instituto relatou em 2019 que o desmatamento na Amazônia cresceu 88% em junho em comparação com o mesmo período no ano anterior. Contudo as retaliações do governo federal são duras, um dos exemplos é a exoneração do físico Ricardo Galvão da direção do INPE (QUIERATI, 2019). O aumento de queimadas de 2018 para 2019 é de 320%, em 2020 sobe mais 200% em relação ao ano anterior (CARDIM, 2020), a área queimada no Pantanal nos primeiros nove meses de 2020 é de 33 mil quilômetros quadrados, o que **equivale a soma dos territórios de Alagoas e do Distrito Federal**².

Estopins como o “dia do fogo” em 2019 trazem, mesmo que temporariamente, para o 1º plano aquilo que os povos originários vêm nos alertando desde sempre. Ailton Krenak em “Ideias para adiar o fim do mundo” (2020b) e “A vida não é útil” (2020a), nos diz que a Mãe Terra tem nos alertado sobre as consequências da destruição que estamos causando, e se assim continuarmos é como se estivéssemos apertando um botão de auto-extinção. Wakya Un Manee, um outro sábio dos povos originários escreve de maneira simples e impactante o nosso comportamento em relação a Terra: “Quando o último peixe estiver nas águas e a última árvore for removida da terra, só então o homem perceberá que ele não é capaz de comer seu dinheiro” (apud KRENAK, 2020 a, p.13).

A obra não é esperançosa, sequer nos diz sobre o que acontece depois, se os espíritos são apaziguados ou não, se a destruição é irreversível e o mundo é consumido, ou se as ações dos *abas* para lidar com o céu preto têm algum efeito. Todavia, mesmo situado em uma distopia, o áudio drama propõe imaginar mundos, criar subjetividades outras que não compactuem com mitos de eterno crescimento econômico, que enfim sejam flechas

²Matéria disponível em <<https://ultimosegundo.ig.com.br/ciencia/meioambiente-/2020-10-07/area-queimada-no-pantanal-equivale-a-dois-estados-brasileiros.html>>. Acesso em 30 dez. 2020.



contra um gigante céu negro que cai sobre nós.

Ficha técnica

Texto e Ilustração: AUTORA

Revisão Especializada: Thiago Cancelier Dias
(Akaruc Coupan)

Mixagem e Sonorização: AUTORA

Personagens

Narração - AUTORA

Muni - Carla Gmurczyk

Kamori - Cátia Massotti

Referências

CARDIM, Maria Eduarda. **Inpe confirma aumento de quase 200% em queimadas no Pantanal.** Jornal Correio Brasiliense, 2020. Disponível em <<https://www.correiobrasiliense.com.br/brasil/2020/09/4879073-inpe-confirma-aumento-de-quase-200-em-queimadas-no-pantanal.html>>. Acesso em 30 dez. 2020.

KOPENAWA, Davi, ALBERT, Bruce. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil.** 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

MINDLIN, Betty. **O céu ameaça a terra.** Nova Escola, 2007. Disponível em <<https://novaescola.org.br/conteudo/3165/o-ceu-ameaca-a-terra>>. Acesso em 14 set. 2021.

MIZUTANI, Luciana. **O céu que cai sobre a Terra.** Canal O Bardo PODCAST no Spotify, 2021. Disponível em <https://open.spotify.com/episode/3l0grXtNFmGOqaFuXvY2Ma?si=l4inE2j8QgqUzjkl-QjxYg&dl_branch=1>. Acesso em 14 set. 2021

QUIERATI, Luciana. **Demissão de diretor do Inpe é oficializada no Diário Oficial da União.** Portal Uol, 2019. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/08/07/demissao-de-diretor-do-inpe-e-publicada-no-diario-oficial-da-uniao.htm>>. Acesso em 30 dez. 2020.

Recebido em 21 set. 2021 | aceite em 26 nov. 2021

